

III Jogos Florais Populares
"António Feliciano Rodrigues (Castilho)"

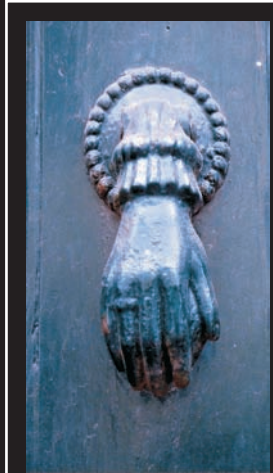
Tema: "Conte uma História..."

A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, em colaboração com a Associação de Escritores da Madeira (AEM), continua a promover os Jogos Florais Populares "António Feliciano Rodrigues (Castilho)", destinados a incentivar (os seus naturais e todos quantos desejem participar na iniciativa) a população madeirense para a escrita e para a leitura, procedendo, simultaneamente, a uma pública homenagem a um dos seus mais ilustres filhos, o poeta António Feliciano Rodrigues (Castilho), e ao reforço dos seus anais, pela voz genuína do seu Povo, com a recolha de testemunhos sobre a sua História ou "histórias" das suas gentes.

Esta iniciativa tem cativado o interesse de vários entusiastas pelas Letras e que desta forma vêm reavivar memórias deste secular e pitoresco recanto da nossa Cidade do Funchal, revestido do contributo de autêntica vivacidade popular (acontecimentos e vivências inesquecíveis das suas gentes), sendo nosso ensejo continuar a promover este projecto, que se quer cada vez maior.



Edição da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior
com o apoio de:



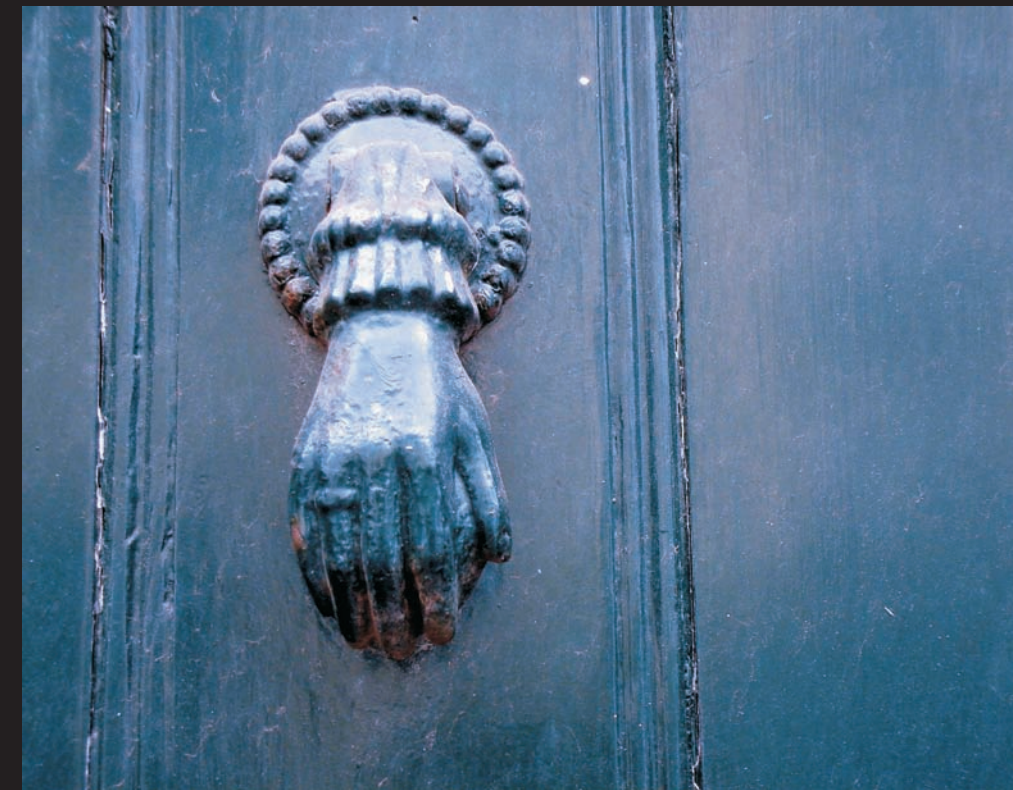
3

Certame literário António Feliciano Rodrigues (Castilho) / 2006

3

Santa Maria Maior

COM PALAVRAS NASCEM HISTÓRIAS



3

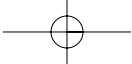
Breve nota sobre
ANTÓNIO FELICIANO RODRIGUES (Castilho)

O escritor e advogado madeirense António Feliciano Rodrigues, conhecido pelo poeta "Castilho" (pseudónimo que usou em muitas das suas produções literárias, por analogia com António Feliciano Castilho, quase seu homónimo e grande vate do seu tempo, sendo assim alcunhado por colegas desde os seus tempos de liceu), nasceu a 9 de Junho de 1870, na Freguesia de Santa Maria Maior, falecendo, no Funchal, a 4 de Fevereiro de 1925.

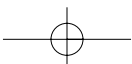
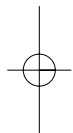
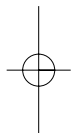
Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1897), exerceu advocacia na capital madeirense e foi delegado interino do Procurador da República, docente no Liceu Jaime Moniz e primeiro-oficial da Secretaria da Junta Geral do Distrito do Funchal, assim como habitual colaborador da imprensa local.

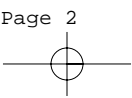
Nas actividades literárias, onde se reputou como poeta de respeitável talento, co-dirigiu o almanaque "Lembranças Madeirenses" e publicou, para além dos romances "O Cirurgião de Marenha" e "Martim de Freitas" (com édito no "Heraldo da Madeira"), na poesia, "A Escola" (Coimbra, 1893), "A Consciência" (Funchal, 1897), "Versos para os Meus Filhos" (Funchal, 1910), "Calor de Vidrilhos" (Funchal, 1911), "Canção das Lágrimas" e "Sonetos" (Lisboa, 1916) e, entre outros, "Últimas Folhas".

Este ano, contudo, celebra-se o I centenário da 1ª. e única edição do seu livro "Versos da Mocidade" - porventura o mais popularizado, de entre a sua vasta obra, na Madeira e junto do seu público leitor que se estendia até fora da ilha e do Arquipélago - a qual teve lugar em 1903, na cidade do Funchal, onde o seu pseudónimo, "Castilho", o tornara figura de relevo cultural com maior impacto no meio social do que o seu próprio nome, utilizado como causídico, António Feliciano Rodrigues, agora oportuna e justamente lembrado pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, dando-o como patrono dos seus I Jogos Florais Populares, assim o recuperando à curiosidade das novas gerações.



Santa Maria Maior
**COM PALAVRAS
NASCEM HISTÓRIAS**





Título da Obra:

Santa Maria Maior: Com Palavras Nascem Histórias, 3

Edição:

Junta de Freguesia de Santa Maria Maior
Rua de Santa Maria, 225/227
9060 - 291 Funchal
Tel: 291226683 Fax: 291226692
www.santamariamaior.com
stamariamaior@netmadeira.com

Capa e Projecto Gráfico:

Marco António Gonçalves
marcogoncalves@netmadeira.com

Apoio:

J. Faria & M. Sousa, Lda

Pré-impressão:

Maquetizar

Impressão:

O Liberal, Lda

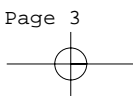
ISBN:

972-

Depósito Legal:

Edição:

1000 exemplares

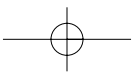
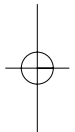
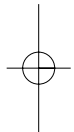
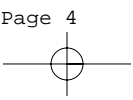


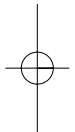
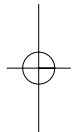
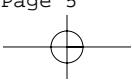
Santa Maria Maior
**COM PALAVRAS
NASCEM HISTÓRIAS**

Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

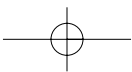
MADEIRA
2006

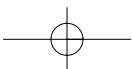
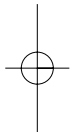
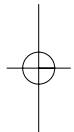
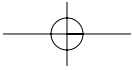
3

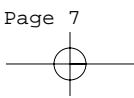




INTRODUÇÃO







O executivo da Junta de Freguesia que me precedeu teve a feliz iniciativa de criar, em 2001, um Concurso Literário, com o objectivo primeiro de incentivar o gosto pela escrita e pela leitura, ao qual foi atribuído, num gesto de justa homenagem, o nome do ilustre advogado, pedagogo e escritor nascido na Freguesia de Santa Maria Maior, António Feliciano Rodrigues, conhecido pelo poeta "Castilho", pseudónimo que usou em analogia com António Feliciano Castilho, quase seu homónimo e consagrado escritor no seu tempo.

A presente publicação, a terceira, denominada "*Com Palavras Nascem Histórias*", na senda de anteriores publicações, contem e divulga os trabalhos literários premiados e presentes ao concurso realizado em 2005.

É propósito do executivo da Junta de Freguesia, que me honro de presidir, recriar o Concurso Literário alterando algumas figuras regulamentares e criando novos incentivos com o objectivo da incessante "conquista" de escritores já firmados e incentivar o despontar de aptidões para a escrita ainda não revelada.

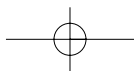
É nosso firme propósito que as alterações a introduzir no *IV Concurso Literário*, a realizar em 2006, venham a atingir os objectivos propostos.

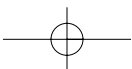
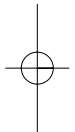
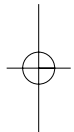
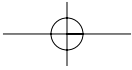
Uma palavra final para agradecimento a todas as entidades e empresas que tornaram possível a realização do Concurso Literário de 2005 e da edição da presente publicação.

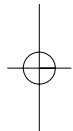
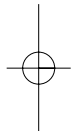
Santa Maria Maior, Agosto de 2006

O Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

Alberto Rufino Fernandes Casimiro



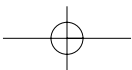


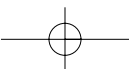
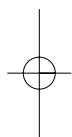
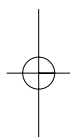
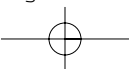


CARLA PATRÍCIA DO VALE LUCAS

DO OUTRO LADO DA MURALHA...

1º Prémio





Sentei-me junto à janela do quarto, olhando a chuva que caía copiosamente... o vidro, embaciado pela minha respiração, apenas mostrava formas desvanecidas, iluminadas pelas ténues luzes da estrada. Perdida em pensamentos, tal como já ia sendo hábito, tentei desenredar a confusão que conquistou o meu espírito há já uma semana e que ainda não se apaziguou. Pareço continuar a flutuar dentro de um sonho que mudou a minha forma de encarar a vida...

Tudo aconteceu num daqueles dias sombrios, em que o coração se enche de neblina. Queria esquecer o passado e teimava em temer o presente.

Com estes muitos pesares, vagueava sem rumo pelas ruas do Funchal, o mesmo Funchal que me vira nascer, crescer e transformar-me mulher.

Depois de percorrer a rua Dr. Fernão de Ornelas, contando os passos que então ia dando tropeçadamente, passei diante do Mercado dos Lavradores sem porém me aperceber da azáfama que ali era uma constante.

Continuei a caminhar... Desci uns tantos degraus e deparei-me com o fontenário do Largo do Poço. Os meus olhos ali se detiveram por alguns segundos, enquanto tentava perscrutar se aquele "monumento" de pedra fria, construído em cantaria rija, no século XVIII, tinha alguma história para contar, agora que estava a ser restaurado.

Foram estes devaneios que me fizeram abstrair de tudo. Apenas sentia uma aragem fresca a abalroar o meu rosto, dando-me a tímida sensação de leveza e esquecimento.

Despertei de tamanha divagação, ao sentir a presença de um rapazinho. Olhou-me timidamente e colocou nas minhas mãos um

velho envelope, apontando para a outra margem da rua. Pela primeira vez, naquele dia, pousei os meus olhos na velha senhora que se fazia arrastar por uma bengala e que não tardaria a desencadear o nascimento de novas cogitações.

Incrédula perante tudo o que se estava a passar, agradeçi ao rapaz e sentei-me nos degraus que há pouco descera e que davam as boas vindas ao Largo.

As minhas mãos trémulas percorreram o envelope empalidecido pelo tempo, procurando algo nele inscrito... mas nada!

Um pesado cheiro a mofo, despertou os meus sentidos, enquanto os meus dedos deslizaram pela sua textura, tirando por fim um pequeno pedaço de papel que parecia já contar com muitos anos. Com receio de o rasgar, desdobrei-o com cautela.

Os meus olhos atentos colaram-se ao amontoado de palavras, ali desenhadas rudimentarmente.

“

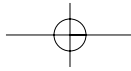
30 de Agosto de 1911

O sol beijou o mar pela última vez neste dia... e a noite começou a crescer, de tal forma que já sinto o sono a abraçar-me.

Recolbi-me em casa na hora das ave-marias, junto com os meus sete filhos, e agora escrevinho um pouco. Embora pouco saiba, por só ter a quarta classe, sinto que só assim esqueço o cansaço de um dia como o de hoje. Nem sei como aprendi a juntar as letras, a formar frases, pois aprender a ler e a escrever nunca foi para todos. Por este motivo e porque nunca é demais, tenbo que agradecer aos meus pais que nos deram, a mim e aos meus dez irmãos, a oportunidade de aprender.

Mas enfim, esses são tempos que já lá vão. Hoje, logo pela manhã, à semelhança dos outros dias, preparei um pequeno farnel para os meus três rapazes e o meu marido levarem para a fábrica.

Antes de ser preparado o almoço, hoje a cargo da Maria, a mais velha,



fomos as cinco, buscar água ao fontenário do Largo do Poço...

Caminhamos pela rua estreita de Santa Maria, com aguadores e outros recipientes, parando junto ao Campo de Almirante Reis. Contara-me a minha avó, que Deus a tenha, que a curta distância ficava a Igreja Matriz da Nossa Senhora do Calhau, destruída num terrível aluvião, em 1803.

Assim que lá chegamos, descansamos os aguadores sobre o grande poço, o maior da cidade, e esperamos que enchessem.

Por estarmos no Verão a espera foi longa, já que o caudal de água era menor. Tive, por isso, tempo de apreciar como é que a bomba do poço extraía as águas subterrâneas vindas de longe, lá da nossa floresta Laurissilva...

Os meus pensamentos não tardaram a ser interrompidos com a chegada dos meus compadres, todos com a intenção de se abastecerem de água.

Este é sem dúvida um dos melhores pontos de contacto, por isso logo começamos a trocar novidades. Soube inclusive de uma história, do arco-da-velha, que fizera com que os meus primos abalasses do campo... tudo enquanto os aguadores enchiam.

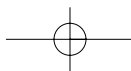
Mas tal como já era hábito, conheci uns camponeses que, exaustos pelo transporte de vários produtos da terra, aproveitavam para ali descansar.

Assim que pousaram a carga e se refrescaram, pude apreciar os seus trajés, em tudo semelhante aos nossos.

Sentamo-nos conversando... diziam eles não estar contentes com a produção das culturas deste ano. Pensando bem, o descontentamento é geral... Muitas são as vezes que eu e o meu Manel deixamos de comer para alimentar os nossos filhos.

Assim que os aguadores acabaram de encher, despedimo-nos dos compadres e dos camponeses e voltamos a percorrer o mesmo trilho rumo a casa.

Pela tarde, sentadas debaixo da vinha, bordamos e conversamos. A minha pobre mãe, as minhas seis irmãs e ainda duas vizinhas, juntaram-se a nós para tornar o trabalho mais divertido e menos cansativo. No entanto, não estávamos de todo descansadas. Muitas foram as vezes que saltámos dos bancos, com medo de que as lagartixas, que passeavam pelas parreiras, se



desequilibrassem e caíssem...

Não muitas horas depois do meu Manel ter chegado a casa, disse-me que ia clarear a vista. Sei muito bem que deu uma fugida até à taberna, aquela que fica na Rua de Santa Maria e que faz esquina com a Rua dos Barreiros - a Fava Rica.

Embora nunca tivesse entrado numa, sei que é aqui que os homens, na companhia de um saboroso néctar trazido em cântaros de barro, dão voz às suas opiniões, falando certamente de nós, mulheres, que ficamos em casa a tratar dos filhos, receosas de que os seus maridos se vejam envolvidos nalguma rixa, bem comum nesses antros. Sei também que, assim que o meu homem chegar a casa, o cheiro a fritos entrará, colado à sua roupa.

Por mais que tudo isto me aborreça e por mais que lbe crame¹ a minha sorte, sei que amanhã me dirá que vai à casa do compadre ou que vai fazer a barba ao pescoço², por saber que me oponho a estas suas saídas.

Enquanto espero pelo meu Manel, oro a Deus. Peço que nos guarde e livre de todos os males e nos dê sempre a possibilidade de irmos aos fontenários buscar água para beber, não só por saciar a nossa sede, mas também por este ser o local em que homens e mulheres podem conversar, bem diferente do que acontece nas tabernas, onde os homens são os únicos autorizados a entrar."

Os meus olhos pararam subitamente... As palavras que davam continuidade à carta, apareciam camufladas na mancha que se estendia ao longo da margem inferior da velha folha de papel. Os meus dedos logo se apressaram a virá-la, na esperança de algo mais encontrar escrito. Mas debalde! Ficara sem saber quem escrevera estas palavras que tinham o condão de acalmar o meu espírito. Talvez não fosse importante saber quem as escrevera, pois esse alguém continuava vivo na essência que delas emanava, tocando o meu pobre coração inquieto e cheio de dúvidas...

1- Cramar (regionalismo) - lamentar a sua vida, fazer sentir a sua situação precária

2- "Ir à casa do compadre" e "Fazer a barba ao pescoço" - eufemismos

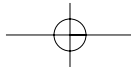
Voltei a observar aquele chafariz de grande aparato arquitectónico. Nunca antes lhe havia prestado atenção. Era mais um dos vestígios de uma época de outrora, que ignorava. Retratava-se como um exemplo remanescente de que a água que hoje corre abundantemente nas nossas torneiras, faltou no passado e poderá vir a faltar no futuro. Todo ele, podia bem ser entendido como o espelho de uma cidade que aos poucos crescia até atingir as dimensões que hoje alberga, mas acima de tudo continuava a ter nele representado as histórias do nosso povo, histórias presentes no simples gotejar da água...

Sentindo frias as mãos, pousei a carta sobre os joelhos. Na verdade, não parecia de todo uma carta. Era mais a folha de um diário de uma mulher tipicamente madeirense.

Uma voz meiga, trémula e um pouco ofegante despertou-me de tamanha divagação. Era ela! Era a mulher que pedira ao rapazinho para me entregar o envelope misterioso.

- Poucas foram as pessoas com quem, em noventa e oito anos, partilhei este legado, deixado pela minha mãe, e que é parte integrante de quem sou... Os cabelos brancos que albergo não me deixam mentir quando digo que já muito vivi e que pressinto quando o coração de alguém chora, porque o meu também já sofreu.

Ao vê-la, junto ao fontenário do Largo do Poço, lembrei-me deste envelope que sempre me acompanha. Recordei os tempos em que ainda não me fazia arrastar pelas ruas, corria sim, sem me cansar... Recordei a minha juventude e o quanto estas palavras renovaram o meu ser, a minha confiança na vida, naqueles momentos em que me sentia mais fragilizada. Sei que são simples palavras de um diário, perdidas num tempo remoto, mas sei também que representam o espírito de uma mulher que nelas teima continuar viva. Fazem-nos, por isso, lembrar que o passado existe e deve ser preservado. Não o podemos apagar, ele corre tal como o sangue, tal como



a água, tal como a vida!

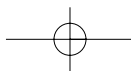
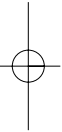
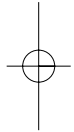
Assim que a sua voz emudeceu, olhei a ilustre senhora e segui-lhe os traços singelos de quem se exalta pela sua experiência e sabedoria.

O seu rosto emoldurado em muitas rugas deixava transparecer o quanto o tempo é fugaz, o quanto a vida é passageira, mas também parecia mostrar que as recordações sobrevivem eternamente.

Agora, estou certa, quando afirmo que são estas recordações, é este passado que deve ser imortalizado. É o passado desta freguesia de Santa Maria Maior, centro histórico da cidade que me viu nascer e que me virá morrer, que não se pode perder. Se tal acontecer, o meu espírito morrerá e o ser que hoje sou estará para sempre perdido nas muralhas do tempo!

Referências Bibliográficas:

- Ascensão, R., Freitas, J., & Nóbrega, A.(1993). As Tabernas. *Xarabanda*, 3, 35-40
- Camacho, R., & Torres, J. (1993). A Água do Povo - Fontenários e Bebedouros do Funchal. *Xarabanda*, 4, 18-25



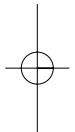
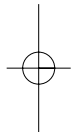
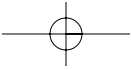
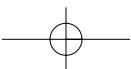
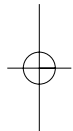
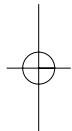
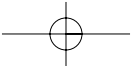


Ilustração: Sónia Dória





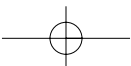
AUTOBIOGRAFIA

Nome: Carla Patrícia do Vale Lucas

Data de nascimento: 23 de Março de 1986

Naturalidade: São Pedro - Funchal

Filiação: José Osvaldo Fernandes Lucas e Iolanda Catarina Gomes
P. do Vale Lucas.



A cada passo trôpego, na construção do que sou, vou recolhendo as bênçãos do alvorecer e, para melhor conhecer o rumo que devo percorrer, vou caminhando devagar no embalar desta maré e da chama incandescente que me ilumina... uma esperança que pesponta e bafeja o meu rosto continuamente.

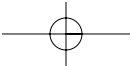
Iniciando agora o 3.º ano do curso de Psicologia na Universidade da Madeira, estou certa de que continuo vassala dos meus sonhos, aprendendo a aprender, a crescer, a escutar os sentidos... retrato do que sou, do que quero ser!

As palavras, essas que deixo fluir e que apaziguam a ânsia de me descobrir e compreender cada partícula deste universo, circunscvem muitas das minhas utopias...

O livro "O ensejo de Poetizar" (publicado em 2000), os prémios literários conquistados como: o "Jovem Prodígio" - área de conto (Funchal, 2002); os "Jogos Florais da Ameixoeira - poesia" - (Lisboa, 2003); o 2.º e o 3.º lugar no Certame Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)", nos anos 2003 e 2004, respectivamente; a menção honrosa no Prémio Nacional de Literatura Ferreira de Castro (2005); o concurso "30 Anos de Autonomia e 20 Anos de Integração Europeia" (Funchal, 2006)... concretizam a forma que elegi para me expressar...

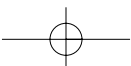
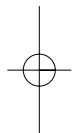
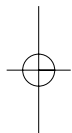
E sendo a vida uma arte, integrei, com alguns versos, a exposição "Essências da Ilha" que associou a poesia à pintura e fotografia, produto de um trabalho conjunto com quatro artistas plásticos (Julho de 2006 - Museu da Casa da Luz).

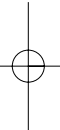
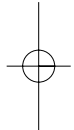
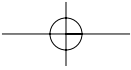
São pequenos, ténues e vagarosos estes passos que deixo



tatuados no trilho que percorro... sei, no entanto, que têm o ímpeto de me ajudar a crescer, a aprender e a decidir que rumo tomar, talvez seguindo o que alguém uma vez escreveu...

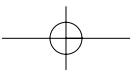
"Muda, mas muda devagar. Mais importante que a velocidade é a direcção!"

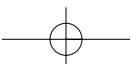
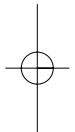
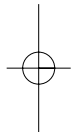
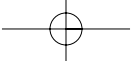


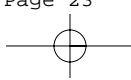


GRAÇA ALVES

NA ESPERA
2º Prémio







Ele embarcou e deixou-me à espera de uma carta de chamada. Assim: a embalar o bordado no colo e a abraçar o sol ao entardecer.

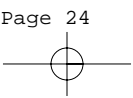
De vez em quando, chegavam saudades com cheiro a petróleo e eu respondia com amor perfumado de maresia. Mandava notícias de cidades que empurravam os céus e eu contava os segredos que as casas gritavam quando o vento fazia bater os tapassóis. Falava do tempo que havia de ser e eu vigiava o vapor que havia de trazer o meu futuro. Porque o dote estava pronto. Porque eu estava pronta. Porque eu. Porque ele.

Esperei. Meu Deus, como esperiei.

Aprendi, então, a prender a rua nos meus braços e a embrulhar a solidão no cheiro do pão quente da Mariazinha. E, de manhã, quando o pesquito chegava com uma cambolhada de chixarros, dizia-lhe que não, que não queria, porque eles morriam, fritos e frios sobre a mesa da cozinha. Aprendi a calar a tarde que despertava no meu corpo. Aprendi a seguir o vaivém dos bomboteiros, quando os barcos apitavam no mar. À espera de um sinal.

Hoje, eles já não passam à minha porta, não vêm buscar o meu bordado, nem trazem histórias do mundo nem cheiros de gente feliz. O cabreiro que enfeitava o ar de gizos desapareceu. Os pequenos da mergulhança cresceram e, deles, apenas guardei os olhos salgados e ternos de quem descobre tesouros no fundo do calhau. Já nem penso no que o Ernesto levava às costas, dentro das cestas do almoço.

Ele embarcou e eu fiquei. À janela. E vi. Vi quando a rua se despiu de vida. Vi quando as procissões se esvaziavam de flores. Vi quando as mulheres guardaram as canastas e tiraram as batas. E ouvi. Ouvei o silêncio das casas quando os velhos morreram. Ouvei

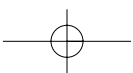
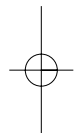
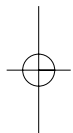


os fados tristes que vinham das tabernas. Ouvi-os falar outras línguas. Porque já não eram fados, mas jazz. Porque as tascas ficaram finas. Porque já não se bebia vinho seco, mas gin. Porque a minha rua se cansou de esperar comigo uma carta que nunca chegou.

Gastei os meus olhos cansados nas cavacas e nos bastidos. Enrolei a minha esperança no ritmo sempre igual dos garanitos e guardei-a na arca, junto do enxoval, embrulhada em papel de seda. E fui caseando o meu amor de outros tempos, devagar, em frente de um retrato cada vez mais esbatido.

Esperei. Até não haver mais nada para esperar. Porque o mar já não traz os homens que levou. Porque as cartas já não trazem saudades. Porque já não há cartas. Nem saudades.

Ele embarcou. A rua mudou de endereço. Todos morreram. E eu fiquei. À espera.



AUTOBIOGRAFIA

Nome: Graça Maria Nóbrega Alves

Data de nascimento: 11 de Setembro de 1964

Naturalidade: S. Pedro - Funchal

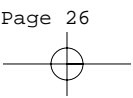
Filiação: José Norberto Fernandes Alves e Maria José Gouveia de Nóbrega Alves

Voltei. Outra vez. E vou falar de mim, usando as palavras de sempre, com a dificuldade do costume.

Voltei, para contar que nasci quando as uvas cheiravam nos quintais, quando o sol aquecia a terra, quando o Tempo precisou de mim. Voltei para dizer que fui uma menina feliz, que se encantava com o dia e o luar, com a terra e com o mar, com os gritos loucos das gaivotas e com o cantar doce dos pássaros. Voltei para dizer que a vida me ajudou a acreditar no amor dos pais, da família, dos amigos, de Deus. Voltei para contar dos meus sonhos adolescentes de transformar o mundo e de encontrar o caminho certo na minha vida.

Voltei. E vou contar: fui a professora que desejei ser, com as alegrias e as angústias de quem tem na sua mão o futuro de gente que esperava de mim mais do que as regras da gramática ou os arabescos da literatura. E tentei. Juro-vos que tentei ser quem devia ser, na sala de aula e no pátio, no convívio com todos os que, ao longo de vinte e um anos precisaram de mim.

Um dia, a menina tímida que viveu guardada de si, durante quase quarenta anos, descobriu que a vida vale sobretudo pelos sonhos. E abriu as portas que a vergonha fechara e abriu as gavetas e tirou os

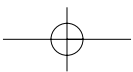
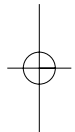
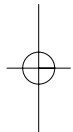


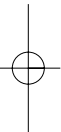
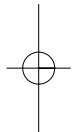
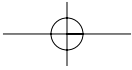
papéis. Eu.

E então, escrevi: primeiro *A Procissão*, depois *Os Segredos* e agora isto. E gostei. Talvez por isso, inventei a coragem que faltava para concorrer ao *Prémio Horácio Bento de Gouveia* e ganhei. *O Sétimo Dia* foi publicado e fez-me acreditar, outra vez, que valia pena: era o meu nome, num livro só meu; era o meu momento. Depois, saiu *O Vinho da Salvação*, integrado no livro *Contos com Vinho Madeira*.

Voltei. Não contei tudo. Falta o silêncio do que falta viver. Faltam as palavras que hão-de nascer amanhã, embrulhadas nos dias que hão-de vir.

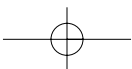
Voltei. Voltei para dizer que continuo a acreditar na Vida.

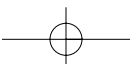
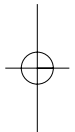
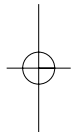
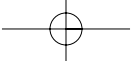




CARMO SANTOS

SONHOS
3º Prémio





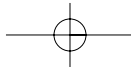
○ mês de Dezembro estava à porta. As crianças já sonhavam com os presentes que viriam no sapatinho. O Menino Jesus iria ouvir, decerto, os seus pedidos. Todas as manhãs a caminho da escola, Mariazinha atravessava a rua e espreitava directamente, o armazém de vimes do senhor Ivo e do senhor José. A cadeirinha de vimes dos seus sonhos lá estava na prateleira perto da porta.

Mariazinha "visitava" a cadeirinha todos os dias. Lembrava-se ainda do dia em que "descobriu" a prenda que gostaria de ter no Natal. Chovia, e para não ficar molhada, e ainda era cedo para a escola, recolheu-se à porta do armazém de vimes. Estava um camião grande a descarregar muitos, muitos artigos de vime. No meio de tudo aquilo Mariazinha viu a cadeirinha.

A "cadeirinha", em tamanho pequeno, era exactamente igual à cadeira da senhora Teresa, uma bordadeira que morava mesmo ao lado da sua casa.

Ao chegar à escola, antes de prestar atenção às palavras da senhora professora, pensou na cadeirinha que seria um bom presente para a sua boneca de trapos, a sua Luizinha de olhos grandes, cabelos loiros compridos e amarrados aos lados com fitinhas de seda cor-de-rosa a combinar com o vestidinho que a mãe lhe fizera. Os sapatos a condizer, e as meias eram brancas. Fora uma surpresa em dia de anos.

"Que linda é a minha boneca, mamã! Muito obrigada" - disse Mariazinha cheia de felicidade.



Mariazinha, criança de dez anos, vivia com seus pais e a avó materna na Rua de Santa Maria desde que nascera.

O pai, Manuel Gomes, era também daquela zona, e trabalhava num restaurante no Corpo Santo. Era uma família feliz. O pai da Mariazinha tinha sido emigrante na América, e por lá ficara uns anos. Trabalhava num restaurante em Providence, mudara-se para Virginia e teve emprego numa propriedade à beira do Rio Potomac. A patroa uma senhora muito simpática, tinha parentes na Madeira.

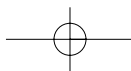
"Diziam que era viúva de um escritor famoso!" - contava o Manuel.

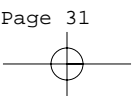
A saudade da família e da sua terra fê-lo voltar à sua Rua. Quantas noites passadas acordado a pensar nos pais e irmãos, nos seus dias de escola, que fora pouca, nas horas de catequese do senhor Padre Laurindo, nas suas idas ao calhau, e sentado sonhar com destinos para além do horizonte.

Os tempos eram outros. A sua Ilha era outra. Tantas casas novas, tantas estradas largas, tantas escolas, tantos restaurantes. Até a sua Freguesia mostrava progresso. E já havia um hotel!

"Estarei a sonhar?", interrogava-se Manuel.

A mãe, Maria Braz, nascera na Ponta do Sol, mas quis o destino que encontrasse o futuro marido na Festa do Socorro quando de visita a uns primos, que viviam perto da





Barreirinha. Era costureira e dava dias fora em casa de famílias da freguesia. Cumpria com esmero o eu trabalho, e eram de notar, em especial, os fatinhos de baptizado.

Adorava crianças!

A avó, nascida e criada no Lombo de São João na Ponta do Sol, crescera e vivera lá até o falecimento do marido que era trabalhador agrícola em serviço na quinta.

Desde cedo a miúda aprendera a ler com a senhora da quinta, que a pedido dos pais foi madrinha da miúda a que deram o nome de Maria da Paixão por ter nascido em sexta-feira da Paixão. O menino da quinta, com apenas onze anos, para ser o padrinho teve licença especial do Reverendíssimo Bispo do Funchal.

Maria da Paixão fazia a vida de casa, e ocupava-se da neta. Era preciso ajudar a filha.

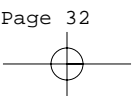
" Assim é que é uma família unida!" - pensava a mais velha da casa.

À tarde depois de Mariazinha fazer os trabalhos da escola, e enquanto tomava uma chávena de leite e saboreava uma fatia de pão com marmelada, ou à noite antes de adormecer, lá vinha um pedido:

"- Avó, avó, conte-me uma história, aquela da casa grande!"

Maria da Paixão enternecida e contente com a simpatia da neta começou:

- "Era uma vez uma casa muito grande, muito



grande onde eu brincava em criança.

Um dia descobri, ao subir a escada estreita e com muitos degraus, uma porta pintada de creme da cor da parede. Quase não se dava por ela! Dei a volta à chave e abri a porta.

Era um sótão! Que maravilha! Tantas coisas! Fiquei encantada: livros, muitos livros, malas de viagem, lanternas de ferro, jarros grandes em loiça com desenhos todos diferentes, lavatórios em ferro, medidas de vinho em cobre, e muito mais, mas o que me chamou a atenção foi uma boneca. Era linda! Em loiça, uns olhos grandes que abriam e fechavam, e ao pegar nela mexi nas costas e ela falou... disse: "mamã."

Ouvi passos na escada. A porta abriu-se:

- "Maria da Paixão, o que fazes aqui?"

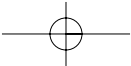
- "Minha mãe encontrei o paraíso!"

Mariazinha adormecera. A avó endireitou a roupa, deu-lhe um beijo, e antes de apagar a luz olhou para a neta e viu-lhe um sorriso de felicidade nos lábios.

- "Santo Deus, que encanto de neta me deste!"

O Natal chegou. Mariazinha acordara cedo para ver o que o Menino Jesus lhe trouxera.

- " Eu sabia, eu sabia que o Pai Natal dava os recados ao Menino Jesus!"

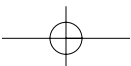
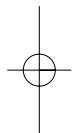
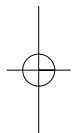


Lá estava a "cadeirinha" de vimes. Havia mais um presente: um livro de histórias:

"Alice no País das Maravilhas".

Mariazinha concretizara o seu sonho.

- " Obrigada, Menino Jesus!"



AUTOBIOGRAFIA

O meu nome é Maria do Carmo por ter nascido a 16 de Julho dia de Nossa Senhora do Carmo, nome que meus Pais escolheram e que eu gosto muito. Nasci no Funchal, no século XX, numa rua à beira da Ribeira de Santa Luzia num prédio igual ao do lado, e ao meu lado nasceu uma pessoa igual a mim. Que bom ter uma irmã gémea. Que bom partilhar com ela os dias felizes com nossos Pais, que bom estar com ela no nosso caminho da vida.

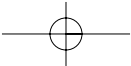
Sou Teixeira de Aguiar por minha Mãe, dos Teixeiras de Tristão Vaz Teixeira, dos primeiros que chegaram a esta linda Ilha da Madeira e conto ainda com acréscimo de parentesco italiano. Por meu Pai, sou Rodrigues bem madeirense, e de minha Avó paterna um lado escocês que julgo ter tido muita influência no meu percurso.

Desde criança quis aprender a língua dos meus ascendentes britânicos, e que meu pai sempre atento, me foi ensinando. Veio a decisão da escolha para a Universidade e optei por Inglês - Alemão.

Sou Cunha Santos por meu Marido, e prezo muito todas essas Famílias a que tenho a honra de pertencer.

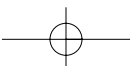
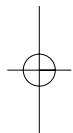
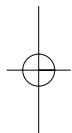
A minha educação foi privilegiada com estudos universitários em Lisboa, viagens ao estrangeiro e cursos nos países das línguas que estudei e não só...

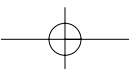
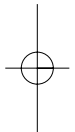
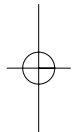
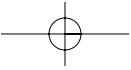
Aqui estou feliz, nesta querida cidade do Funchal, com a minha Família, os meus Amigos e o meu trabalho de directora da Biblioteca de Culturas Estrangeiras e Coordenadora do Centro

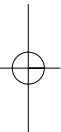
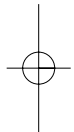
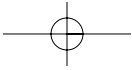


Cultural John dos Passos, o meu "American Dream" concretizado graças à visão do Governo Regional da Madeira.

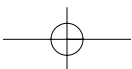
Nos meus tempos livres dedico-me, além da leitura, a obras de solidariedade social, à fotografia e à pintura.

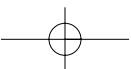
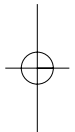
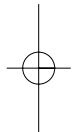
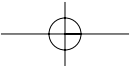






ACTA DO JÚRI





Acta do Júri do III Certame Literário
"António Feliciano Rodrigues (Castilho)"

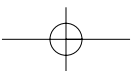
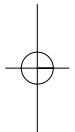
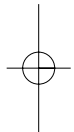
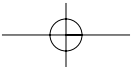
Aos quatro dias do mês de Outubro de dois mil e cinco, entre as dezanove e as vinte horas, reuniu o júri do concurso do III Certame Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)," subordinado ao tema : "Conte uma História.....," para proceder à sua classificação.

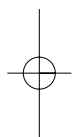
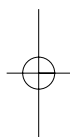
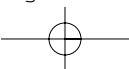
O Júri foi constituído por dois elementos indicados pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Luísa Maria Sousa Gonçalves Ponte e Maria Teresa Gonçalves Valério; um cidadão de reconhecido mérito cultural, José Firmino Gonçalves Câmara; e dois elementos indicados pela *Associação de Escritores da Madeira*, Gisela Dias da Silva e Octaviano Correia.

Dos sete contos apresentados, os três mais classificados foram: 1º-Prémio "Do outro lado da Muralha", escrito por Carla Patrícia do Vale Lucas; 2º- Prémio "Na Espera", escrito por Graça Maria Nóbrega Alves; 3º-Prémio "Sonhos", escrito por Maria do Carmo da Cunha Santos.

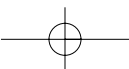
Os prémios têm o seguinte valor monetário: 1º Prémio, duzentos e cinquenta euros; 2º Prémio, cento e cinquenta euros; 3º Prémios, cem euros.

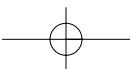
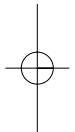
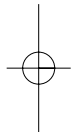
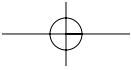
Os prémios vão ser entregues no dia seis do corrente mês, no Museu da Casa da Luz, pelas dezanove horas, na presença de várias individualidades e dos concorrentes.





REGULAMENTO





A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, em colaboração com a Associação de Escritores da Madeira (AEM), decidiu voltar a promover, este ano, os *Jogos Florais Populares*, que se passam a intitular de *III Certame Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)"*, destinados a incentivar (os seus naturais e todos quantos desejem participar na iniciativa) a população madeirense para a escrita e para a leitura, procedendo, simultaneamente, a uma pública homenagem a um dos seus mais ilustres filhos, o poeta António Feliciano Rodrigues (Castilho), e ao reforço dos seus anais, pela voz genuína do seu Povo, com a recolha de testemunhos sobre a sua História ou "histórias" das suas gentes.

Assim, foi aprovado o Regulamento para este III Certame Literário, esperando-se que este venha a recolher o interesse alargado de todos os cidadãos que se sintam vocacionados para as Letras ou que, até por espírito de voluntarismo, se revelem dispostos e estimulados a intervir numa experiência que pretende reavivar memórias deste secular e pitoresco recanto da nossa Cidade do Funchal, revestido do contributo de autêntica vivacidade popular (acontecimentos e vivências inesquecíveis das suas gentes) e que poderá ter continuidade, durante muitos e muitos anos, consoante a resposta que lhe for concedida nesta sua primeira realização.

REGULAMENTO

1. A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior criou, em colaboração com a Associação de Escritores da Madeira (AEM), os Jogos Florais Populares "António Feliciano Rodrigues (Castilho)", cuja terceira edição terá lugar já no decurso do ano de 2005.

2. A iniciativa, aberta a todos os interessados, tem por tema "Conte uma História... da Freguesia de Santa Maria Maior", devendo os textos serem escritos, livremente, em verso ou em prosa, ao gosto de cada um. Os textos participantes deverão ser inéditos, não podendo ter participado em outros concursos da mesma natureza.

3. Cada concorrente deverá apresentar até três originais, com o máximo, cada um, de três folhas A4 dactilografadas a dois espaços, a 25 linhas por página (ou por idêntico método, em tipo de letra 12, se o entregar de forma informatizada), em colecções individualizadas de cinco cópias.

4. O conjunto de originais de cada concorrente terá de ser apresentado em envelope fechado, identificado por um pseudónimo, contendo, no interior, outro envelope, de novo fechado, com o mesmo pseudónimo na sua parte frontal, destinado a apresentar a sua verdadeira identidade, sendo este apenas aberto se o Autor for premiado.

5. Os originais poderão ser remetidos por cor-

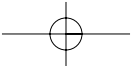
reio postal ou entregues em mão na sede da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, no Funchal, a partir de 20 de Junho até ao dia 30 de Setembro de 2005 (inclusive). O Júri, constituído por dois elementos indicados pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, dois pela Associação de Escritores da Madeira e por um cidadão de reconhecido mérito cultural, deverá indicar a relação dos autores classificados até ao dia 3 de Outubro de 2005.

6. Serão três os prémios a atribuir, com os seguintes valores: 1º. Classificado - 250 euros; 2º. Classificado - 150 euros; 3º. Classificado - 100 euros.

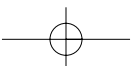
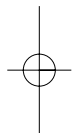
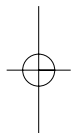
7. O Júri poderá, se o entender, atribuir Menções Honrosas (as quais serão alvo de entrega, aos contemplados, de um documento comprovativo passado pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior) e também sugerir, face à qualidade dos originais analisados, a sua divulgação pública através dos meios que considerar como os mais adequados.

8. A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior ficará como fiel depositária de todos os textos apresentados a concurso, podendo utilizá-los nas suas iniciativas futuras, não sendo os mesmos devolvidos, em nenhum caso, aos concorrentes.

9. A entrega dos originais pelos concorrentes representa, em si mesma, uma declaração do conhecimento e da aceitação do Regulamento, o qual terá de ser por estes respeitado.



10. Das decisões do Júri não haverá recurso, cabendo-lhe a resolução de casos omissos ou até uma possível actualização do Regulamento, se for caso disso, devendo registar em Acta os motivos que conduziram a essa medida.

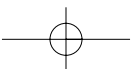
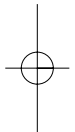
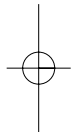
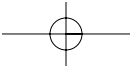


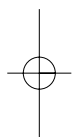
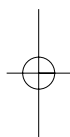
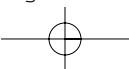
Breve nota sobre
ANTÓNIO FELICIANO RODRIGUES (Castilho)

O escritor e advogado madeirense António Feliciano Rodrigues, conhecido pelo poeta "Castilho" (pseudónimo que usou em muitas das suas produções literárias, por analogia com António Feliciano Castilho, quase seu homónimo e grande vate do seu tempo, sendo assim alcunhado por colegas desde os seus tempos de liceu), nasceu a 9 de Junho de 1870, na Freguesia de Santa Maria Maior, falecendo, no Funchal, a 4 de Fevereiro de 1925.

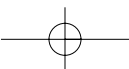
Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1897), exerceu advocacia na capital madeirense e foi delegado interino do Procurador da República, docente no Liceu Jaime Moniz e primeiro-oficial da Secretaria da Junta Geral do Distrito do Funchal, assim como habitual colaborador da imprensa local.

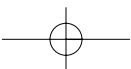
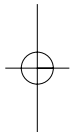
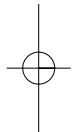
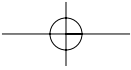
Nas actividades literárias, onde se reputou como poeta de respeitável talento, co-dirigiu o almanaque "Lembranças Madeirenses" e publicou, para além dos romances "O Cirurgião de Marenha" e "Martim de Freitas" (com édito no "Heraldo da Madeira"), na poesia, "A Escola" (Coimbra, 1893), "A Consciência" (Funchal, 1897), "Versos para os Meus Filhos" (Funchal,





ÍNDICE







Introdução, 7

Do outro lado da muralha,

Na espera,

Acta do Júri,

Regulamento,

